

Rodrigo Nunes de Souza Trindade

**Configuração vincular familiar
e tendência antissocial:
do neurótico ao borderline**

MONOGRAFIA DE ESPECIALIZAÇÃO

**DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOTERAPIA
DE FAMÍLIA E CASAL**

Rio de Janeiro
Dezembro 2017

Rodrigo Nunes de Souza Trindade

**Configuração vincular familiar
e tendência antissocial:
do neurótico ao borderline**

Monografia apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicoterapia de Família e Casal da PUC-Rio como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Psicoterapia de Família e Casal. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

Prof.^a Terezinha Féres-Carneiro
Orientadora

Prof.^a Cristina Ribeiro Teixeira Dantas
Avaliadora

Rio de Janeiro
Dezembro de 2017

Agradecimentos

Em primeiro lugar, dirijo minha gratidão aos meus pais, que, não apenas me permitiram existir e experienciar este mundo em suas dores e alegrias, como investiram em mim seu tempo, suor e lágrimas, durante os últimos vinte e nove anos.

Agradeço ao meu irmão e amigos por compreenderem minhas frequentes ausências de encontros sociais, e por me ajudarem a “mudar o canal” quando precisei.

Agradeço à minha amada, namorada pelos últimos onze anos e noiva pelos últimos nove meses, por todo o suporte, compreensão e carinho. Vivemos uma fase difícil, você e eu, mas aqui estamos, ombro a ombro, dispostos a encarar juntos as provações e partilhar as alegrias que a vida nos reserva. Muito obrigado por todos os momentos, e por me ajudar a levantar quando caí.

Agradeço às professoras Rebeca Machado e Andrea Magalhães pelas riquíssimas supervisões dos casos que compõem este trabalho.

Agradeço à professora Terezinha Féres-Carneiro, minha orientadora, pela preocupação, disponibilidade e paciência.

Agradeço aos colegas da turma de especialização de 2016.1 pelo acolhimento, parceria, bons encontros.

Agradeço às demais professoras, por compartilharem conosco tanto conhecimento e tantas experiências.

Trindade, Rodrigo Nunes de Souza. **Configuração vincular familiar e tendência antissocial: do neurótico ao borderline**. Rio de Janeiro, 2017, 34 p. Monografia - Departamento de Psicologia. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Resumo

O presente estudo teve como objetivo estudar a viabilidade da hipótese de que a tendência antissocial pode estar relacionada à qualidade da configuração vincular familiar. Trata-se de um tema complexo, desafiador e atual, pois mesmo havendo uma grande quantidade de trabalhos bem fundamentados sobre os dois assuntos, poucos foram os que procuraram por uma relação entre eles. Aqui, procurei ampliar as definições e detalhar os modos de funcionamento de cada conceito, utilizando dois casos clínicos para ilustrar a teoria, o primeiro sobre um adolescente neurótico e o segundo sobre uma adolescente de estrutura borderline.

Palavras-Chave:

Tendência, Sintoma, Antissocial, Vínculo, Configuração, Clínica, Neurótico, Borderline.

Sumário

1. Introdução.....	6
2. O vínculo, seus componentes e a configuração vincular familiar.....	7
3. Tendência antissocial, duplo vínculo e a estrutura borderline.....	18
4. A tendência antissocial e os vínculos: uma ilustração clínica.....	23
5. Considerações finais.....	31
6. Referências bibliográficas.....	33

1. Introdução

O interesse pelas temáticas do vínculo e da tendência antissocial surgiu durante a Especialização em Psicoterapia de Família e Casal, cursada na PUC-Rio entre os anos de 2014 e 2017, a partir de dois casos clínicos envolvendo adolescentes em situação de vulnerabilidade sócio-afetiva. A primeira, uma família de classe média. A segunda, residente de uma grande favela carioca. Uma apresentando relevantes registros de abandono, e a outra invadida pela violência, tanto da realidade local quanto intrafamiliar.

Os pequenos delitos e ações inconsequentes dos adolescentes - um menino de treze anos e uma menina de dezesseis - representavam os primeiros elos visíveis entre os dois casos, os quais levaram-me a analisar as configurações vinculares das famílias. Ali, então, me deparei com os primeiros indícios de que uma qualidade vincular predominantemente negativa - “-L”, “-H” e “-K”, segundo o exposto por Bion (1994) - poderia ter um importante papel no aparecimento da tendência antissocial, tal como descrita por Winnicott (1999) e Armony (2013).

Nesse sentido, partirei da definição do conceito de vínculo, a partir de diferentes autores, para então estudar as formas de vinculação e suas variações positivas e negativas, segundo a teoria bioniana. Isso abrirá a possibilidade de entender o grupo familiar como uma teia vincular, estabelecendo uma comunicação entre os vários vínculos que o integram, e entre estes e os que extrapolam sua constituição.

Em seguida, pesquisarei o conceito de tendência antissocial, suas especificidades nos casos de estrutura neurótica e borderline, e definirei esta desafiadora estrutura clínica tão semelhante à psicose. Assim, será possível compreender parte do mistério que envolve o funcionamento dessas estruturas, bem como delimitar as semelhanças e diferenças em suas expressões neurótica e borderline. E, por último, percorrerei os casos atendidos para observarmos como os conceitos, vistos até então, se apresentam na prática, e conduziremos sobre eles uma breve análise que, embora não permita refutar ou comprovar a hipótese levantada, poderá sugerir sua viabilidade.

2. **O vínculo, seus componentes e a configuração vincular familiar**

A palavra “vínculo”, segundo Zimmerman (2010), tem sua raiz no termo latino “*vinculum*”, o qual guarda um sentido de união, ligação; uma espécie de costura que se presta a combinar duas peças de tecido, preservando suas delimitações e características individuais. Segundo o autor, isso faz com que a vinculação seja fundamental para o desenvolvimento humano, pois, diferentemente de um estado de fusão, estabelece um elo que permite trocas simbólicas entre as partes, sem comprometê-los em suas integridades.

Corroborando e complementando a visão de Zimmerman, Pichon-Rivière (2007) fala do vínculo enquanto uma estrutura complexa e singular que se estabelece entre indivíduos em um certo momento; é a ligação por meio da qual se funda a relação entre um sujeito e o outro. Com efeito, a visão do autor atribui especial importância ao caráter único de cada uma dessas “costuras vinculares”, posto que resultam de uma associação entre personalidades singulares, e acrescenta a característica da temporalidade, na qual entre as inúmeras interpretações possíveis, destacam-se duas. A primeira, uma alusão ao tempo psíquico das partes envolvidas, e a segunda, dizendo respeito ao momento histórico-social em que se dá seu encontro.

Partindo dessas duas visões, podemos tecer uma definição preliminar do vínculo como uma ligação única entre, pelo menos, dois aparelhos psíquicos, preservando suas características singulares e seus limites, considerando o tempo de cada um e o momento histórico em que se inserem, e apresentando-se diferentemente a cada caso. A essa concepção, ainda poderíamos acrescentar a relevância do espaço ou, em outras palavras, do local (e seus costumes) nessa trama vincular, os quais nos remetem ao trabalho de Winnicott (1982). O autor ressalta a influência do ambiente desde os primórdios do desenvolvimento, bem como a nossa impossibilidade de alcançar a independência plena, que alude a uma espécie de *dependência relativa* quanto aos vínculos. Seguindo esse raciocínio, é o vínculo com a mãe suficientemente boa, capaz de suportar os impulsos amorosos e agressivos do bebê, sem invadi-lo ou frustrá-lo além do que é capaz de suportar, que permite ao mundo interno da criança encontrar o

que lhe é externo gradualmente, abrindo o espaço transicional onde dar-se-ão suas experiências criativas e o movimento *rumo à independência*.

Assim, partindo dessa linha de pensamento, Zimmerman (2010) acrescenta que a mãe costuma ser tão afetada pelo vínculo quanto o próprio bebê. Mencionando Winnicott (1975), ele fala da importância do olhar materno enquanto espelho para o recém-nascido, parâmetro por meio do qual o bebê pode ter certeza de sua própria existência, enquanto a mãe necessita ver, no filho, o reconhecimento de seu bom desempenho em sua nova função. Segundo o autor, nos casos em que o bebê apresenta respostas fisiológicas como vômitos e eructações, a mãe pode ser tomada de uma fantasia de não ser amada por seu bebê, respondendo como um *espelho partido*, incapaz de garantir ao bebê o seu lugar e com potencial para lançar o vínculo num ciclo angustiante que se retroalimenta.

Devemos, ainda, mencionar a definição de Bion (1994), segundo o qual os vínculos têm duas naturezas - emocional e relacional - podendo unir, não apenas, duas ou mais pessoas, mas duas ou mais partes de uma mesma pessoa, de onde podemos extrair, pelo menos, dois eixos que merecem consideração. O primeiro, atendo-nos ao termo “relacional”, remonta ao sentido de reciprocidade, já tratado a partir das palavras de Zimmerman, mas com uma diferença quanto à possibilidade de uma ligação entre *partes dentro de uma mesma pessoa*. Aqui, duas interpretações parecem mais sensíveis: Bion pode estar se referindo tanto às introjeções de vínculos primitivos durante a infância, os quais exercem influência na formação dos elos subsequentes durante toda a vida, quanto à vinculação a órgãos ou partes do corpo, possível origem dos sintomas de conversão. O segundo eixo, por sua vez, parte do termo “emocional”, que nos indica a importância do afeto enquanto componente da ligação ou, em outras palavras, algo indispensável ao vínculo.

A partir dessas definições, Zimmerman (2010) defende que o primeiro vínculo trata, não apenas de suprir as necessidades fisiológicas do bebê, mas de acolher suas necessidades emocionais; um vínculo que precisa adaptar-se e modificar-se conforme o crescimento da criança, mas que jamais deve perder as capacidades de *continente* e de *empatia*. Isso significa dizer que, para a boa formação e manutenção desse vínculo, é essencial que a mãe possa conter e traduzir as angústias do bebê projetadas nela, e entrar em contato com seu

sofrimento, respectivamente, sem confundir-se com ele. Nesse sentido, segundo o autor, dependendo dos elementos que predominem nos primeiros vínculos, os que surgirão na sequência poderão seguir um padrão de “*cooperação* [‘co’ = junto de + ‘operação’ = operar juntos] numa tarefa comum, construtiva, ou vingará uma vigência de destrutiva *competição* [‘com’ = junto + ‘petição’ = demanda insaciável de pedidos]” (Zimmerman, 2010, p.23).

Esse parece ser um importante ponto de convergência entre as correntes de pensamento acerca do vínculo, no qual autores, como Pichon-Rivière (2007), se baseiam para delimitar padrões de vinculações como o vínculo paranóico, o vínculo depressivo e o hipocondríaco, entre outros; todos relacionados à premissa da *repetição* de um padrão primitivo. Por outro lado e de maneira complementar, menos preocupado com a questão diagnóstica e mais com as minúcias qualitativas do vínculo, Bion (1994) propõe três espécies vinculares, que podem se apresentar tanto de forma positiva (+) quanto negativa (-), a saber: o baseado no amor (“L” = *love*), o baseado no ódio (“H” = *hate*) e aquele que se funda no conhecimento (“K” = *knowledge*).

Segundo Zimmerman (2010), o vínculo amoroso (L), embora não apareça com esse nome, foi amplamente estudado ao longo da obra freudiana, enquanto a vinculação pelo ódio (H) é um dos pilares centrais da teorização kleiniana, ambos fundamentando grande parte dos estudos psicanalíticos no campo. Contudo, é com a proposição do vínculo pelo conhecimento (K), inovação trazida por Bion, que surge a perspectiva de análise dos ataques feitos pelo paciente na transferência, representante do vínculo entre ele e o médico. Para o autor, é o vínculo “-K”, ou seja, aquele que se dá pelo conhecimento e de forma negativa que resulta no *ataque ao vínculo* em análise, “especialmente no que se refere à desvitalização (por exemplo, o que um determinado paciente pode fazer com as interpretações do seu analista) e à anulação dos significados das experiências emocionais, a serviço de uma defesa de ‘negação’” (Zimmerman, 2010, p.28). O vínculo “K” está, portanto, relacionado à possibilidade de aceitarmos verdades penosas, tanto externas quanto internas, diferindo do “L”, que representa uma vinculação por meio da qual pode-se permitir, ou não, entrar em contato com a emoção do prazer, restando o “H”, que trata da possibilidade de expressão do ódio enquanto forma de amor, sem que se perceba.

Debruçando-nos, primeiro, sobre o vínculo amoroso, temos nos “Três ensaios” (1905), texto no qual Freud teceu considerações sobre a sexualidade infantil, a proposição da amamentação enquanto gatilho para o despertar das pulsões sexuais, no bebê e em sua mãe, as quais fundam as bases para a vida amorosa. Partiríamos, portanto, de pulsões parciais, de expressão perverso-polimorfa e natureza narcísica, podendo ou não chegar ao investimento libidinal num objeto total, o que receberia o nome de amor.

Quatro anos depois, em 1909, em seu artigo sobre o “Pequeno Hans”, Freud detalhou o funcionamento do triângulo edípico e a consequente emergência do complexo de castração, que, no caso daquele menino de cinco anos, resultou na formação do quadro fóbico. Segundo o autor, o amor incestuoso pela mãe provocou uma fantasia de retaliação pelo pai, por quem o Hans nutria sentimentos ambivalentes - admiração, por ser aquele que lhe dá carinho e que recebe o amor de sua mãe, e ódio, por ver nele um concorrente pela afeição dela. O sintoma soluciona essa equação através de uma formação de compromisso: desloca-se o medo do pai para o cavalo, o que torna possível proteger-se da ameaça ao se evitar o contato com os animais.

No ano seguinte, em “Leonardo Da Vinci” (1910), Freud, apoiado na teoria do complexo de Édipo, argumentou que a homossexualidade de Leonardo estaria relacionada a um vínculo de natureza simbiótico-narcísica entre ele e sua mãe, cuja estruturação fora facilitada pela ausência do pai desde a infância. Segundo o autor, sem a interdição pela figura paterna, a mãe frustrada tomou o filho enquanto substituto do marido (objeto de amor), promovendo nele um despertar precoce do erotismo e a homossexualidade como defesa contra o incesto. Esse caso, contudo, é diferente do analisado por meio das “memórias do presidente Schreber” (1911), nas quais se explicitam, não uma orientação homossexual, mas uma erotomania resultante de sucessivas transformações do desejo sexual e seus objetos, os quais consistiriam em uma experiência insuportável à consciência. Dessa forma, as construções delirantes, embora sejam um recurso mais precário que as fobias, se prestam a encontrar uma forma possível de vivenciar o que, de outra forma, representaria uma ameaça ao aparelho psíquico.

Tanto no caso de Schreber quanto nos de Da Vinci e Hans, podemos observar o lugar central do vínculo amoroso para o desenvolvimento da

sexualidade e da personalidade do sujeito, bem como na gênese dos sintomas, enquanto comunicadores indiretos de desejos, temores, culpas. Paralelamente, contudo, Freud (1914) traça uma distinção quanto ao “amor de transferência”, o qual, segundo ele, não se trata do amor propriamente dito, mas de uma espécie de projeção, no analista, de pontos de fixação da libido do paciente. E acrescenta, em “Contribuições à psicologia da vida amorosa” (1910), que uma dissociação entre amar e desejar eroticamente pode resultar na incapacidade de amar. Finalmente, em “Introdução ao narcisismo” (1914), Freud se debruça sobre a escolha amorosa e acaba por corroborar nossa definição de vínculo, ao afirmar que, tanto no caso narcísico quanto anaclítico, as referências se originam nos primeiros vínculos.

Muitos outros artigos da obra freudiana poderiam ser pesquisados, a fim de coletarmos mais evidências da presença do vínculo pelo amor e seus desdobramentos, mas é em Bion (1994) que encontramos uma preciosa inovação: o amor (L) pode ser expresso pelo seu contrário (-L). O autor propõe o puritanismo e o samaritanismo como exemplos para “-L”, e explica que este aparece enquanto formação reativa contra um ódio subjacente. Segundo Zimmerman (2010), seria o caso de uma mãe superprotetora, que ama seu filho de forma simbiótica, possessiva e sufocante, impedindo sua individuação, diferenciação e separação, como se estivesse numa espécie de gestação sem fim, infantilizadora por definição e promotora de culpa, a qual pressupõe sacrifícios e renúncias pessoais.

Avançando para a próxima modalidade do vínculo, devemos ressaltar que sua primeira menção ocorre em Freud (1915), quando, em seu trabalho sobre a “metapsicologia”, reconhece a coexistência entre o amor e o ódio, com este último tendo um importante papel para a sobrevivência do sujeito. Nesse artigo, levando em conta o conceito da busca pelo prazer (evitação do desprazer), o autor chega a sugerir que o ódio surge antes mesmo do amor.

Ainda em 1915, temos o texto “Reflexões para os tempos de guerra e de morte”, no qual Freud se debruça sobre os horrores da guerra e da natureza humana, que ele entendia estar por trás de tamanha destruição, quanto se podia observar durante o auge da primeira grande guerra. Nele, o autor afirmou que “A própria ênfase dada ao mandamento ‘Não matarás’ nos assegura que brotamos de uma série interminável de gerações de assassinos, que tinham a sede de matar

em seu sangue, como, talvez, nós próprios tenhamos hoje” (Freud, 1915 [2006], vol XIV, p.306). Freud, nesse argumento, propõe que uma proibição tão poderosa só pode ser uma resposta a um desejo igualmente poderoso, o que nos fala de uma destrutividade, alguns poderiam dizer, proveniente de um ódio inerente ao sujeito.

Outras referências também podem ser encontradas em “Além do princípio do prazer” (1920), quando Freud introduz o conceito de pulsão de morte, e em “Mal-estar na civilização” (1930), artigo no qual o autor estabelece a existência de pulsões agressivas que precisariam ser contidas pela internalização de valores socioculturais. Contudo, é no trabalho de Melanie Klein (1996) que encontramos maior destaque dado ao ódio. Trabalhando sua própria concepção das “pulsões de morte”, a autora fala em um impulso agressivo e inato, com o objetivo de favorecer a preservação da vida, radicalmente diferente da força que buscava zerar a tensão no aparelho psíquico, proposta por Freud (1920). Segundo Zimmerman (2010), a pulsão de morte kleiniana se confunde com o conceito de “inveja primária” da mesma e, quando num patamar excessivo, “se transforma numa agressão sádico-destrutiva (portanto, carregada de ódio, contra os objetos frustradores de suas necessidades básicas)” (Zimmerman, 2010, p.113).

Segundo Klein (1996), essas pulsões sádico-invejosas são, então, dirigidas aos objetos, que, em sua ambivalência constituinte, tornam-se alternadamente amados e odiados. Finalmente, segundo a autora, quando se torna possível integrar esses dois sentimentos sob a imagem de um mesmo objeto, surge um sentimento de culpa pelos ataques feitos (na fantasia e na realidade) e o consequente medo de uma retaliação. Essa seria, para ela, a fonte das angústias persecutórias que nos acompanham por toda vida, desde a infância, e que nos faz alternar entre as posições esquizo-paranóide e depressiva.

Por outro lado, Winnicott (1982), que até então seguia a teorização kleiniana, passou a divergir da mesma quanto à ideia de a inveja nascer com o bebê. Para ele, a criança apresenta uma agressividade primária (motilidade) desde o ventre, mas não inveja. Trata-se do primeiro meio de exploração do mundo e das possibilidades do próprio corpo, e que, dirigida à mãe, busca nela uma resposta especular que lhe confirme se é amada ou odiada por esta. O autor confere especial importância à relação da mãe com o bebê, reservando às

manifestações agressivas um sentido de comunicação e pedido por ajuda, e não de expressão de ódio ou crueldade.

Sobre essa temática, Bion (1994) também afastou-se da teorização kleiniana da inveja primária e aproximou-se de Winnicott quanto à importância de uma maternagem (suficientemente) boa: a influência do ambiente prevalecendo sobre o inatismo. Segundo ele, o excesso de ódio no psiquismo pode promover consequências severas como o crescimento da “parte psicótica da personalidade”, intensificando defesas como a identificação projetiva, o recurso à onipotência, e atitudes como a arrogância e uma curiosidade invasiva. Quando, por sua vez, a esse fenômeno soma-se algum “prejuízo da capacidade para pensar, conhecer e se relacionar, propiciam a instalação de, regressivos, quadros da psicopatologia, como psicoses, estados *borderline*, perversões, etc.” (Zimmerman, 2010, p.117).

Ainda para Bion (1994), e dada a sua suscetibilidade relativa à idade, temos, na criança submetida a uma vinculação pelo ódio, a possibilidade de surgimento de uma identificação com o agressor, a exemplo do sujeito que se mostra queixoso em relação aos genitores, mas, inconscientemente, repete os mesmos comportamentos que critica. Nessa linha de pensamento, segundo Zimmerman (2010), outra possibilidade é o surgimento de uma identificação com a vítima, um estado de autopenitência resultante da culpa por ataques endereçados ao outro na fantasia. Segundo o autor, esse sentimento inconsciente de culpa faz com que o sujeito limite suas capacidades e passe a colecionar fracassos profissionais, conjugais e sociais, de modo a não ter melhor qualidade de vida que aqueles a quem direcionou seu ódio.

Para Zimmerman (2010), o ódio deriva de um excesso ou carência de frustração no psiquismo humano, sendo a primeira situação tão prejudicial quanto a segunda. Nos casos de excesso, em que as frustrações se impõem de maneira injusta, incoerente, ou com frequência ou intensidade demasiadamente altas, o sujeito pode vir a sentir-se invadido e, como resposta, a manifestar ódio contra o objeto. Em situações opostas, marcadas pela ausência, o sujeito não adquire o preparo necessário para lidar com as frustrações inerentes ao convívio social, podendo vir a ser rejeitado em seus grupos de convívio e, por consequência, a sentir ódio. Contudo, se esta for apenas suficiente, o sujeito

poderá não apenas tolerar a frustração, como conhecer tanto suas potências quanto limitações, e diferenciar o que é possível e do que não o é.

Segundo Bion (1994), assim como no vínculo pelo amor, há duas formas de expressão do ódio. A primeira é “H”, que fala de um ódio potencialmente destrutivo e construtivo, posto que a agressividade, dependendo de como for manejada pelo próprio sujeito, poderá levá-lo a um caminho de desenvolvimento, exploração e criatividade, ou de rompimentos, ressentimentos e retaliações. Por outro lado, “-H” (menos ódio) pode ser entendido como o “estado emocional e a conduta de *hipocrisia*, pela qual o indivíduo está tendo uma atitude manifestamente amorosa por alguém, ao mesmo tempo que existe um certo ódio latente (quando o ódio estiver muito predominante, trata-se de *cinismo*)” (Zimmerman, 2010, p.29). Neste caso, o autor fala em “atrocidades cometidas em nome do amor”, o que alude a uma forma de amor baseada no ódio.

Seguindo para a terceira forma de vinculação, temos que, em suas “Recomendações técnicas”, Freud (1912) já falava da necessidade de o analista colocar-se em uma posição de querer conhecer o funcionamento inconsciente do paciente. E cinco anos mais tarde, em 1917, propôs a “pulsão epistemofílica” como uma força inata por trás do desejo de conhecer, e cuja primeira expressão se dá através das curiosidades infantis acerca da sexualidade, sobretudo quanto à cena primária, à origem dos bebês e às diferenças entre os sexos.

Bion (1994), por sua vez, foi aquele que desenvolveu as proposições freudianas e postulou a existência do vínculo K (*knowledge*, ou conhecimento). Para Zimmerman (2010), na contramão dos primeiros psicanalistas, que se julgavam detentores do conhecimento acerca de seus pacientes, apesar das recomendações de Freud, Bion traz uma mudança de paradigma ao advogar pelo que chamou de “princípio da incerteza”, o qual pressupõe o domínio da “capacidade negativa”, ou de suportar não saber. O autor nos conta que, para Bion, a formação do conhecimento é indissociável da formação dos pensamentos, e ambas se originam de uma experiência primitiva de privação do objeto. Assim, quando frustrada pela ausência do objeto desejado, a criança sentir-se-á estimulada a buscar uma solução para sua frustração, seja por meio do pensamento e da busca por conhecimento, ou mesmo criando mecanismos que se prestem a esconder a frustração da consciência.

Essa negação inconsciente, contudo, apesar de evitar a angústia em um primeiro momento, não consegue afastá-la de forma eficaz, comprometendo o desenvolvimento de medidas mais consistentes de manejo das frustrações. Nesse sentido, acabam por formarem-se estruturas falsas e dúbias que promovem o conflito de pares opostos: a criança “ama os objetos proibidos e odeia os amados; tem absoluta dependência da mãe, porém a odeia; (...) necessita de amparo e de limites, mas desafia com ódio os mandatos e proibições” (Zimmerman, 2010, p.172).

Assim, segundo Bion (1994), o sucesso no desenvolvimento cognitivo da criança dependerá de três fatores. O primeiro se refere a um *modelo da mãe real*, a representação de uma mãe capaz de simbolizar, pensar e conhecer aquilo ao seu redor; o segundo fala de uma capacidade, da própria criança, em incorporar e desenvolver *núcleos de confiança* que permitam-na vincular-se; e o terceiro é o *amor à verdade*, termo oriundo do pensamento filosófico, que Bion afirma estar na base do desejo de conhecer.

Retomando o *princípio da incerteza*, Bion (1994) argumenta que a realidade se transforma quando algo muda no observador. Isso significa dizer que, no contexto psicanalítico, tanto analista quanto paciente, à medida em que atuam sobre os fenômenos que circulam no setting, atingem novas compreensões, modificam suas realidades internas e, conseqüentemente, a que lhes é exterior.

Ainda segundo o autor, os pensamentos são indissociáveis das emoções, havendo, portanto, a necessidade de um vínculo que confira sentido à experiência emocional. Pensando nisso, propõe que no vínculo emocional entre a mãe e o bebê, além de L (amor) e H (ódio), também haja K (conhecimento), representando o desejo da mãe em compreender seu filho. K é, portanto, uma espécie de vínculo que se coloca entre um sujeito que deseja conhecer um objeto e um objeto que se permite conhecer. Esse conhecimento, por sua vez, pode referir-se tanto a um objeto externo quanto a objetos internos (autoconhecimento).

Segundo Zimmerman (2010), existem condições para a formação de um vínculo K, a começar pelo preenchimento satisfatório de necessidades (fisiológicas e emocionais) e desejos, e, para tal, é necessário que a frustração não ultrapasse os limites da tolerância do sujeito. Quando permanecem sob

controle, as frustrações, como vimos ao estudar o vínculo H, poderão mover a criança a encontrar soluções, em K, para aplacar as angústias delas decorrentes. Caso, contudo, esses limites sejam rompidos, haveria o risco do aparecimento de um vazio afetivo com o potencial de, no adulto, levar a repetições e à transformação de desejos em demandas. Estas, por mais que sejam atendidas, não satisfazem o desejo e não aliviam a angústia.

Outra condição para o aparecimento do vínculo K é a socialização da criança, pois isso lhe fornecerá estímulos para as capacidades de perceber, pensar e conhecer, bem como a submeterá a quantidades de frustração dentro de sua tolerância. E por último, Zimmerman (2010) chama atenção para a capacidade de *rèverie* materna - “capacidade de a genitora aceitar e acolher a criança ‘tal como esta vem’” (Zimmerman, 2010, p.175) - enquanto essencial para o desenvolvimento dos núcleos de confiança na criança, tornando-a apta a introjetar a função K e a procurar meios de lidar com a frustração sem negá-la.

Caso essas condições não sejam satisfeitas, sobretudo diante de uma falha na *rèverie* materna em conter e metabolizar as angústias do bebê projetadas na mãe, estas retornam para a criança sob uma forma persecutória e fomentadora de ódio e mais angústias. Assim, o bebê se torna incapaz de internalizar a função K, o que favorece o aparecimento de -K, no qual “a mãe é predominantemente reintrojada pela criança como uma pessoa que a despoja invejosamente dos seus elementos valiosos e a obriga a ficar com os maus” (Zimmerman, 2010, p.176). Outra possibilidade é o aparecimento de não-K, quando a mãe se mostra imune às identificações projetivas do bebê. Em ambos os casos, a angústia além do tolerável lança a criança em uma situação crescente de desespero, aumentando a força das identificações projetivas como tentativa de encontrar continente, o que acaba retroalimentando o ciclo.

Uma consequência possível da não internalização da função K, segundo Bion (1944), é a de que os objetos projetados fragmentam-se, dando origem aos *objetos bizarros*, os quais retornam sob a forma persecutória de alucinações e ideias delirantes. Esta seria a hipótese bioniana para a emergência das psicoses. Outra possibilidade, contudo, é que K seja substituída por uma espécie de onipotência arrogante ou uma curiosidade intrusiva, ou ainda provoque a emergência de um superego sádico. Nesse último caso, Zimmerman afirma que

o sujeito cria e impõe aos outros “sua própria moral e ética, ditando as leis, partindo da crença de que ele tudo sabe, tudo pode e tudo condena. Em nome dessa falsa moral, são desfechados ataques contra a busca da verdade” (2010, p.176). E, uma vez que a análise busca revelar as verdades inconscientes do paciente, seria de se esperar que alguém organizado sob -K viesse a promover sucessivos ataques ao vínculo analítico.

Entendidas as múltiplas faces do vínculo, finalmente podemos definir o conceito-chave de *configuração vincular*, em que os três tipos de “vínculos com os seus respectivos derivados, provindos de todos os participantes no relacionamento, se entrecruzam e se complementam, de forma sadia ou patológica (...)” (Zimmerman, 2010, p.31). Trata-se, portanto, da combinação entre as diferentes formas de vinculação estabelecidas entre as pessoas pertencentes a um grupo, como ocorre em uma família, formando uma teia complexa, de abrangência intra e intergeracional, promotora da repetição e da possibilidade de elaboração dos vínculos primitivos. Assim, poderíamos dizer que a configuração vincular é um sistema, enquanto o vínculo é uma estrutura, fazendo dela o objeto de análise precioso ao terapeuta de família.

3. Tendência antissocial, duplo vínculo e a estrutura borderline.

Segundo Winnicott (1999), ao tentarmos traçar um caminho até as origens da agressividade humana, nos deparamos com os gestos espontâneos do bebê, antes mesmo de seu nascimento. O bebê que “chuta”, ainda no ventre da mãe, não possui um alvo que deseja destruir, ou mesmo uma formulação sobre qualquer espécie de incômodo ou frustração; seu movimento, pelo contrário, busca a obtenção de prazer por meio do trabalho muscular. Nesse sentido, a motilidade, enquanto primeira expressão da agressividade (agressividade primária), é também a primeira forma de obtenção de prazer: um prazer inconsequente que, eventualmente, causa prejuízos.

Posteriormente, segundo o autor, a experiência de amamentação inclui o seio como aquele que provê tanto o alimento quanto a satisfação, para além dos gestos motores. Nesse momento, alguns bebês, em suas buscas vorazes pelo prazer, acabam por ferir o seio materno, enquanto outros, já conseguindo perceber os danos que são capazes de causar, podem empregar mecanismos de preservação do objeto provedor. Para Winnicott (1999), em ambos os casos a agressividade está presente, ainda que cada criança se relacione com ela de maneira única, pois, segundo o autor, ninguém pode prescindir da agressividade: ela faz parte da *natureza humana*.

Mais adiante, a criança consegue perceber que o objeto amado, bem como o atacado no processo de obtenção de prazer, são, na realidade, parte de um mesmo todo: sua mãe (ou quem a substitua). Essa ambivalência é, segundo o Winnicott (1982), a origem do sentimento inconsciente de culpa, o qual pode ser promotor de angústias avassaladoras sobre o psiquismo infantil, sobretudo quando se tem a sensação de ter destruído o objeto. Nesse sentido, é essencial que este possa sobreviver aos ataques endereçados a ele, de modo a oferecer à criança a possibilidade de reparar o dano causado e aliviar sua culpa, desenvolvendo o *concern* (frequentemente traduzido como “capacidade de se preocupar”). Em outras palavras, a *preocupação* é uma culpa que não é sentida como tal, devido à possibilidade de reparação oferecida ao lactente por sua mãe

suficientemente boa, que foi capaz de sobreviver à face destrutiva da agressividade do bebê.

Nesse sentido, podemos dizer que a agressividade não passa de uma das muitas fontes de energia do sujeito, sendo considerada por Winnicott (1999) como o motor da criatividade e do desenvolvimento, posto que compõe os sentimentos de amor e ódio, e retomando Bion (1994), constitui o meio pelo qual o sujeito pode internalizar a função K em resposta às frustrações. Assim, portanto, difere daquilo que chamamos agressão, que, novamente segundo Winnicott (1999), não é mais que uma resposta defensiva ao sentimento de medo. Este, por outro lado, parece referir-se a uma desconfiança, por parte da criança, de que a sua agressividade possa ser contida pelo mundo externo, bem como de que seus danos venham a ter a oportunidade de serem reparados. Ainda segundo o autor, caso a agressividade não possa ser expressa, permanecendo no domínio da fantasia ou saindo e promovendo a sensação de aniquilamento do objeto, no lugar do *concern*, prevalece um medo fundado na culpa, o qual poderá levar a defesas graves como o *splitting* (cisão).

Retomando os estudos de Melanie Klein (1996), nos deparamos com a impossibilidade de a criança lidar sozinha com as angústias que habitam seu mundo interno, necessitando projetá-las na mãe sob a forma de objetos parciais - o seio mau, por exemplo - aos quais a criança dirige seu ódio. Sobre isso, Winnicott (1999) afirma que os bebês, ainda com recursos muito rudimentares para lidarem com esse fenômeno internamente, dependem de um ambiente externo que possa conter tais angústias, extraindo a onipotência a elas atribuída. Assim, portanto, paralelamente à mãe-objeto, que deve atender às necessidades e suportar os ataques endereçados a ela, deve advir a mãe-ambiente, capaz de acolher sem sufocar ou deixar seu filho entregue às angústias. Esse mesmo fenômeno, visto de uma perspectiva bioniana, traz como parte integrante dessa mãe suficientemente boa, as funções de continente e *rèverie*, por meio das quais torna-se possível conter as identificações projetivas do bebê, metabolizá-las, e, então, reendereçá-las ao mesmo em uma linguagem passível de assimilação.

Nessa linha de pensamento, em situações em que tenha ocorrido uma maternagem suficientemente boa durante a primeira infância (ou fase de dependência absoluta), da qual a criança tenha sido privada durante a fase de dependência relativa, cria-se um terreno propício para o surgimento da tendência

antissocial. Segundo Winnicott (1999), isso ocorre porque o comportamento antissocial é um movimento de endereçamento da falta - de algo que se tinha e foi perdido, ao que chamamos *deprivação* - que se presta a compelir o ambiente a ocupar-se do sujeito transgressor, a cuidar dele mesmo que de maneira precária, em reformatórios ou penitenciárias. Isso denuncia uma busca afetiva, a esperança de recuperar algo que existiu no período de dependência absoluta, mas se perdeu durante a fase de dependência relativa. Segundo Winnicott (1999), esse fenômeno sugere um “verdadeiro desapossamento (não uma simples carência)” (p.139), algo importante que se deu e foi retirado da criança até uma certa idade e, conforme confirmam os estudos de Bowlby (2006), cuja ausência prolongou-se por tempo superior àquele em que se poderia manter viva a lembrança do que foi perdido. Neste momento, se estabelece um *complexo de privação*, do qual se ocuparão pulsões inconscientes à procura de uma reparação possível para a falta, denunciante de uma perda muito primitiva.

Winnicott (1999) expressa a possibilidade de duas direções para a tendência antissocial: uma se refere à *busca de objeto*, e a outra à *destruição*. Ambas, contudo e em algum grau, podem ser exemplificadas através do furto, onde o que se deseja não é o objeto roubado, mas reaver o controle sobre aquele a quem este pertence. Segundo o autor, nos primórdios do desenvolvimento, a criança tem a ilusão de ter criado sua mãe (ou o objeto parcial: o seio), e esta deve satisfazer a criatividade primária do filho ao poder ser encontrada por ele, uma espécie de *encontrado-criado*, como propôs Roussillon (2009), e é essa mãe a quem se dirige o comportamento. Busca-se, portanto, a destruição enquanto veículo de reparação de um estado fusionado precoce com o *objeto mãe*, o que fala de uma onipotência infantil despedaçada pela privação, numa época em que a criança ainda não havia sido capaz de internalizar a mãe enquanto suporte para o ego, ficando vulnerável às frustrações. Uma época anterior ao *concern*.

Winnicott (1999) ainda argumenta que, à época da privação original, pode haver uma fusão entre componentes agressivos (motilidade) e libidinais, os quais irão moldar a forma como a criança se endereçará à sua mãe, também levando em consideração aspectos particulares do vínculo entre eles. Nesse sentido, qualquer dos sintomas antissociais, seja um roubo, uma mentira ou uma incontinência, por exemplo, se encaixa num maior ou menor estado de fusão

entre os dois componentes mencionados, assumindo um valor de comunicação sobre o tipo e a gravidade da falha que se busca reparar.

Contudo, segundo as contribuições de Armony (2013), esta modalidade de tendência antissocial não se aplica aos quadros *borderline*, nos quais a falha ocorre num momento anterior do desenvolvimento: um período entre as fases de dependência absoluta e relativa. O autor argumenta que, nesses casos, não há um comportamento compulsivo, repetitivo, denotando um pedido de socorro ou de mobilização do ambiente, mas de um gesto impulsivo, o qual se presta a descarregar uma raiva originada em uma situação de duplo vínculo. Isso significa dizer que, desde este momento hipotético em que ocorre a privação, o sujeito vem recebendo uma comunicação ambígua vinda de uma mãe (ou sua substituta) ambivalente, a qual lhe dirigia, ao mesmo tempo, seus desejos de separação (conscientes) e de fusão (inconscientes). Isso o coloca em uma delicada posição de desorientação, desamparo e revolta, como se precisasse destruir um inimigo desconhecido, para, por ele, não ser destruído. Trata-se de uma falha anterior ao próprio aparecimento do sentimento de culpa e, portanto, da capacidade de se preocupar.

Cabe aqui esclarecer que o duplo vínculo é, segundo Watzlawick et al (2007), uma espécie vincular especial, caracterizada por três condições. A primeira delas é possuir um alto “valor de sobrevivência”, como acontece entre uma mãe e seu bebê, onde este último é incapaz de manter-se vivo sem o auxílio da genitora. A segunda, por sua vez, trata da prevalência de uma comunicação paradoxal, onde, ao interlocutor, são apresentadas duas alternativas mutuamente excludentes e igualmente incapazes de satisfazer o que é demandado, promovendo uma situação de fracasso obrigatório. E, finalmente, a terceira condição fala da impossibilidade de o sujeito deixar o campo onde se dá o duplo vínculo, seja por uma razão física ou emocional, ou por ser tido como louco ao apontar a lógica adoecedora dessa forma de vinculação.

Esse fenômeno seria, segundo o autor e seus colaboradores, uma explicação possível para a origem das psicoses, o que encontra eco na teorização bioniana, quando falamos no aparecimento dos núcleos psicóticos em resposta à falha na função de *revèrie*. Por outro lado, também se alinha à compreensão winnicottiana, à medida que refere uma falha ocorrida antes de se poder

localizar o que foi perdido, uma privação ocorrida numa fase de dependência absoluta e mantida através da dupla vinculação.

Os quadros borderline da personalidade, por sua vez, que segundo Armony (2013) falam de uma falha ocorrida num momento hipotético entre as fases de dependência absoluta e relativa, durante muito tempo foram considerados parte de uma estrutura psicótica ou habitando a fronteira entre a neurose e a psicose. Hoje, contudo, segundo Zimmerman (1999), já podem ser considerados uma estrutura independente que apresenta, em graus e formas variáveis, todas as características descritas por Bion (1994) como integrantes da parte psicótica da personalidade, conservando, contudo, o juízo crítico e o senso de realidade. Apresentam características tais como a prevalência da inveja e da voracidade, uma forte angústia de aniquilamento pelo retorno dos objetos bizarros, defesas como a negação, dissociação, identificação projetiva, idealização e denegrimiento, além de um baixíssimo limiar de tolerância a frustrações.

Somam-se a essas, ainda, em decorrência das defesas citadas, uma forte tendência à fusão, uma mistura, pelo apagamento de fronteiras entre o sujeito e o objeto, além do possível surgimento de ataques aos vínculos, em consequência da negação das realidades penosas, e prejuízos ao pensamento e à linguagem. “A onipotência, a onisciência, a imitação e a prepotência substituem o necessário, porém, doloroso, processo de *‘aprendizagem pela experiência’*” (Zimmerman, 1999, p.228), e um superego sádico, que tudo ~~é~~-sabe e tudo controla, acaba por se formar.

Assim, podemos apontar, diante da precariedade simbólica e a sintomatologia presentes na estrutura borderline, que a tendência antissocial nesses pacientes, formados em uma situação duplo-vincular que lhes impõe a privação da rêverie já na primeira infância, nos coloca frente a um desafio ainda mais complexo. Se na neurose há uma mensagem e um destinatário, no borderline há contra-ataques contra um inimigo intangível. Essa diferença será, a seguir, ilustrada por meio de casos atendidos no Serviço de Psicologia Aplicada (SPA) da PUC-Rio, que, também, nos permitirão investigar a existência de uma relação entre a tendência antissocial e a qualidade da configuração vincular familiar.

4.

A tendência antissocial e os vínculos: uma ilustração clínica

Exploradas as diferentes formas de vinculação e o mecanismo por meio do qual opera a tendência antissocial, convém fazermos algumas considerações sobre dois casos clínicos com o objetivo de ilustrarmos como os conceitos podem ser articulados entre si. O primeiro, atendido por três meses, tinha como paciente uma família moradora de uma grande favela carioca, e composta de quatro membros: Atlas (pai), Equidna (mãe), Ícaro (primogênito) e Serena (caçula). O menino, que tinha 13 anos à época, vinha em tratamento individual na mesma instituição desde o início do ano anterior, mas, com a chegada de Dezembro, ele e os demais membros foram encaminhados para a terapia de família em razão da situação de vulnerabilidade social em que se encontravam. O adolescente havia construído o hábito de mentir para os pais e fugir de casa, por vezes passando dias ausente e sem dar notícias, além de ter tornado-se amigo dos filhos dos traficantes locais, motivando o *dono do morro* (chefe do tráfico de drogas na região) a presentear-lo com bens de consumo que os pais não podiam comprar.

Essa situação lançava os pais em uma situação de grande angústia, pois tinham medo de o menino vir a se envolver com a criminalidade ou, ainda que este não o fizesse, temiam que fosse confundido, pela polícia, com um bandido e acabasse sendo preso, surrado ou morto. Por essa razão, mesmo tendo poucas posses e fazendo biscates para complementar a renda, seus pais gastavam acima do que podiam para oferecer a Ícaro as roupas da moda, numa vã tentativa de competir com o poderoso chefe do tráfico. Apesar disso, não conseguiam evitar as fugas ou que o rapaz continuasse aceitando os agrados.

Os temores parentais eram legítimos, pois como sugere Vilhena (2012), em nossa cultura, que possui uma violência tão presente e dessubjetivante, tornou-se normal o que, em outros lugares, poderia ser considerado um sintoma paranóico. Segundo a autora, seria como se os símbolos culturais já não servissem de referência aos mais jovens, e nada

houvesse sido colocado no lugar. “Tais ‘referências’ têm sido transformadas em frágeis sinalizações, que podem a qualquer momento serem transpostas como se ultrapassa um sinal vermelho, sem temor de seus efeitos, possibilitando até a violência extrema como forma de expressão aceitável” (p.133).

Contudo, os pais não conseguiam perceber a tentativa de Ícaro, em seu movimento antissocial, de reaver um vínculo amoroso há muito perdido, e se envolveram numa inútil “queda de braço” com o traficante, tentando seduzir o filho com bens de consumo. Não percebiam que, diferentemente do “dono do morro”, eram os únicos que poderiam oferecer ao rapaz o que ele buscava.

Isso pôde ser colocado no decorrer da terapia, mas as ressonâncias produzidas ficaram limitadas aos membros presentes, posto que, a cada encontro, a família se apresentava numa configuração diferente, raramente com o casal junto, e com a explícita recusa em comunicarem, ao ausente, os assuntos e reflexões surgidos no *setting*. Quem não vinha sentia-se excluído, chegando a fantasiar ter sido duramente criticado pelos presentes, mas mesmo assim não vinha; precisavam ter, pelo menos, um posto de fora e, para além disso, precisavam surpreender os terapeutas com faltas intercaladas às presenças, sempre sob novos arranjos.

Atlas falava das situações de risco em que se colocava para procurar o filho, subindo o morro na madrugada, invadindo camarotes de traficantes, e que quando o encontrava, Ícaro corria na direção oposta. A busca, então, transformava-se em uma brincadeira de “pega-pega”, que quando resolvida, terminava com um abraço do pai no filho, e no retorno para casa. Contudo, em uma das ausências do marido, Equidna contou que para que ele saísse para procurar o filho, necessitava que ela o pusesse para fora de casa e, em outras ocasiões, para evitar o conflito, ela mesma se embrenhava na comunidade para encontrar o adolescente.

Atlas, em certa sessão, referiu-se ao filho como sendo o seu *legado*, alguém por quem deveria *se sacrificar*, carregar sacos de cimento e sair na noite à sua procura nas *bocas de fumo*, enquanto a esposa, que não hesitava ao afirmar que surrava o menino como retaliação pelo comportamento antissocial, dizia fazê-lo pelo bem do mesmo. Investigando suas famílias de

origem, soubemos do histórico de violência doméstica na família de origem de Atlas, onde seu pai abusava do álcool e espancava a esposa, o qual ele repetira com Equidna, diante de Ícaro, até o nascimento da filha caçula. Com a chegada de Serena, hoje com 9 anos de idade, encerraram-se as agressões físicas, fazendo emergir a fuga como resposta: para não brigar com a esposa, Atlas sai de casa. De maneira análoga, visando uma restituição do que lhe foi privado e evitar sofrer retaliações, impostas na forma de castigos físicos, Ícaro sai de casa.

O sintoma familiar da fuga que evitava a violência pôde ser, em uma das últimas sessões com a família, explorado através da interpretação do comportamento de Serena, a qual trocou de lugar para fugir das provocações do irmão. Naquele momento, e de forma espontânea, Equidna revelou, chorando, que estava quase saindo de casa (separando-se do marido): aquela seria sua fuga. A situação do primogênito, contudo, não transmite uma desistência e sim a esperança de ser encontrado e repatriado, por vezes atrasando seu retorno ao lar por medo das retaliações da mãe, que ameaçava quebrar-lhe os membros. Nesse sentido, a casa, idealizada por Atlas como um *refúgio* contra os perigos e animosidades externas, tornara-se, na realidade, um ambiente hostil que repelia os membros da família.

Assim, examinando a configuração vincular dessa família, podemos perceber a prevalência de três formas vinculares negativas. Primeiramente, destaca-se a presença de -L, um “amor samaritano, cheio de sacrifícios pessoais e com renúncia ao prazer próprio” (Zimmerman, 2010, p.29), um amor promotor de culpa e infantilizador. Em seguida, podemos falar também em -H, o vínculo em que um grande ódio aparece disfarçado de amor, uma superproteção como formação reativa a um ódio de grandes proporções. E, por último, é possível evidenciar -K, quando a negação das verdades e a exclusão frequente, de um membro ou de toda família, funciona como um poderoso ataque aos vínculos, tanto entre terapeutas e pacientes, quanto entre os próprios membros do grupo familiar.

Procurando entender melhor esse mecanismo, precisamos recorrer a Bion (1994), quando alega ser nos momentos de predomínio da posição esquizoparanóide, que ocorrem os ataques ao vínculo; num momento em que o sujeito estabelece relações com objetos parciais, tanto em si mesmo quanto

nos outros. Invasido pelos objetos bizarros, persecutórios, será necessário lançar mão da identificação projetiva, ou seja, da possibilidade de projetar esses objetos parciais em um ego auxiliar, capaz de recebê-los, metabolizá-los e devolvê-los a fim de que sejam reintrojetados onde se originaram. Contudo, quando esse receptor falha em sua rêverie, naquilo que nele é projetado, sobrevém o ataque ao vínculo, pois o objeto externo passa a ser percebido como hostil.

A identificação projetiva, tal como definiu Klein (1996), consiste em um mecanismo existente desde os primórdios da vida psíquica do bebê, essencial ao desenvolvimento, sobretudo, da confiança no ambiente, encontrando, como propôs Winnicott (1982), uma mãe suficientemente boa, a qual desempenhe bem as funções de objeto e ambiente. Assim, sendo capaz de suportar, conter e traduzir aquilo que o filho projeta nela, ele pode introjetar, aos poucos e de forma previamente metabolizada, os objetos que expulsou de forma não-persecutória. Na família atendida, contudo, a configuração vincular não permitia a contenção da identificação projetiva ou a construção da capacidade de se preocupar, e tampouco fora possível a internalização da função K, fatores que, segundo Bion (1994), promovem os ataques ao vínculo, retaliações e a tendência antissocial. Não era possível sobreviver a esses conteúdos persecutórios que circulavam, muitos dos quais encontravam sustentação na realidade violenta onde o grupo familiar residia. A família deixou o tratamento após três faltas consecutivas, agradecendo pelo trabalho realizado até ali. Assim, se pudermos dizer que Ícaro apresentava uma tendência antissocial como a descrita por Winnicott (1999), Sabrina, de 16 anos, estaria mais próxima de sua versão borderline, trazida por Armony (2013).

O segundo caso começa a ser contado durante o período de obras pelo qual passava o SPA da PUC-Rio, quando a dificuldade de os alunos encontrarem salas para o atendimento de novos pacientes individuais era uma realidade institucional limitadora. Por essa razão, alguns deles, visando a evitar uma fila de espera sem previsão de chamada, acabaram optando pelo ingresso na terapia de família.

Esse foi o caso de Elvira (34 anos), que chegou à procura de atendimento para a filha Sabrina. A demanda: encontrar uma solução para o

comportamento de risco da menina, o qual incluía uma recente detenção e o consequente processo criminal por furto, bem como fugas de casa que duravam vários dias e o uso de drogas ilícitas, que acarretava fortes efeitos colaterais pela interação com a medicação psiquiátrica.

A gravidade do caso nos fez, de início, indagar se a clínica universitária era o local mais apropriado para o atendimento, ou se deveríamos buscar um encaminhamento externo, mas, diante do que se revelou durante as entrevistas preliminares e dos recursos institucionais que tínhamos à disposição, resolvemos assumi-lo. Podemos citar, entre os fatores que contribuíram para tal decisão, a possibilidade de atendimento psiquiátrico na própria instituição, com a presença dos co-terapeutas, e a prévia transferência da família com a universidade (PUC), onde Elvira estudava e sua mãe (Sara) trabalhava, o que facilitou a adesão ao tratamento e a vinculação aos psicólogos.

Após as primeiras sessões e, posteriormente, nas consultas com a psiquiatra, conseguimos ter uma imagem mais completa sobre a história daquela família. Soubemos que Elvira conheceu o pai de Sabrina com dezesseis anos, mesma idade da filha, vindo a engravidar no ano seguinte e a tornar-se mãe quando alcançou a maioridade, além de ter-nos sido revelado que, anos mais tarde, tivera uma nova gravidez, de outro homem, com o nascimento de um segundo filho: Astro. Ambos (os pais) eram homens violentos e impulsivos, integrantes de um grupo de amigos do qual Elvira fazia parte, e batalharam judicialmente pela guarda dos filhos; o pai de Sabrina obteve êxito, com a colaboração da mesma, que mentia na escola e nas audiências sobre passar fome em casa. O pai do menino, por outro lado, não obtendo a guarda, sequestrou o filho; ambos permanecem desaparecidos.

Ao relatar tais fatos, Elvira comenta que a filha sempre foi muito voraz e que, desde a amamentação, percebia Sabrina como um bebê insaciável. Tem muita dificuldade em lembrar dos tempos da gravidez e da primeira infância da menina, por vezes, confundindo a trajetória dela com a sua própria. Seus cortes de cabelo, típicos dos adolescentes do nosso tempo, eram idênticos, bem como algumas peças de vestuário, ao ponto que, a certa altura, pareceu-nos que ambas encontravam-se misturadas, sem distinções claras entre uma e a outra. Não parecia haverem fronteiras bem definidas

entre as gerações. Por sua vez, a fome descontrolada parecia referir-se a uma tentativa de preenchimento de um vazio psíquico, do qual não se podia falar. Sabrina referia, com alguma frequência, ter dificuldade em colocar o pensamento em palavras.

Por outro lado, Elvira não demonstra grande comoção ao se referir ao sequestro de Astro - muitas vezes usando palavras como desaparecimento e sumiço para designar o fato - alegando que tomou todas as medidas cabíveis. Fazia referência a um processo que tramita na justiça e a ligações telefônicas a familiares do pai do menino, nas quais perguntava pelos paradeiros dos dois. Aparentemente, o mal-estar gestado nessa família se expressava por meio do comportamento impulsivo e autodestrutivo de Sabrina, que dá início a suas fugas à ocasião do aniversário do desaparecimento do irmão. Ela, por meio do ato impulsivo, fez lembrar o irmão, do qual sua mãe parecia ter desinvestido.

Trata-se de uma família com uma grande precariedade afetiva, composta por três gerações de mulheres: avó, mãe e filha (e duas gatas, que também têm papel relevante no desenvolvimento do caso). Os homens, dentro daquela mitologia familiar, eram retratados como figuras hostis, a exemplo dos pais de Astro e Sabrina, ou nulas como o pai de Elvira, o qual se separou de Sara e não manteve contato com a ex-esposa ou a filha, desde os dois anos desta. Esta relata que, à ocasião do nascimento de Sabrina, enviou uma carta ao pai para avisá-lo - o que nos pareceu uma tentativa de resgate desse vínculo - mas não recebeu resposta. Os namorados de Sabrina não eram diferentes, os quais ela mesma comparava a seu pai e aos outros homens com quem sua mãe tivera relações, mas esta negava qualquer semelhança. Esse movimento, por sua vez, pode ser entendido como um pequeno exemplo de *desmentido*, no qual a adolescente tem uma percepção da realidade que, desmentida pela mãe, passa a não parecer-lhe confiável. Duvida-se da própria percepção da realidade, criando uma ruptura defensiva entre o que é sentido e o que pode ser percebido conscientemente, fenômeno que pudemos observar em várias ocasiões ao longo do processo terapêutico.

Nessa família feminina, por outro lado, o lugar da mãe foi definido por Elvira como o de uma amiga que só precisa estar com a criança até ela ser capaz de sobreviver sozinha, o que nos trouxe duas compreensões.

Utilizando o exemplo dos pássaros, os quais, logo que aprendem a voar são expulsos do ninho, nos perguntamos se Elvira não havia dado um jeito de voar *sem*, voar *de fato*: ela havia saído da casa da mãe, onde morou com a filha até poucos anos atrás, mas continua como uma eterna universitária, colecionando cursos superiores incompletos, mantendo-se dependente financeiramente de Sara. Esta seria uma forma de não perder sua mãe, dada a percepção de um vínculo tão importante e, ao mesmo tempo, tão frágil. Nesse sentido, a segunda hipótese a que chegamos foi a de que Elvira, através do estabelecimento de um *duplo vínculo*, mantinha Sabrina incapaz de deixar o ninho.

Orientados por essas compreensões, entendemos que seria essencial estruturarmos o enquadre terapêutico de modo que Elvira e Sabrina comparecessem sempre juntas, nunca uma sem a outra. Nosso objetivo era favorecer a expressão, a tradução e a escuta daqueles tantos não-ditos - fazê-los circular no setting para serem representados e simbolizados pela dupla, por meio de uma *rêverie do setting* - e assim trabalhar o vínculo mãe-filha, tão deficitário e ameaçado desde seu princípio. Fazia parte do enquadre sobreviver aos ataques e não retaliar, dando-lhes não apenas a possibilidade de reparação, mas de confiar na sobrevivência e permanência dos terapeutas, e naquele setting institucional como continente para suas angústias e fantasias.

O enquadre foi atacado, mas pôde ser sustentado. Muitas faltas ocorreram, várias delas decretadas pela própria dupla terapêutica em vista da indisponibilidade de mãe ou filha. Por duas vezes, Elvira faltou a sessão de família para cuidar de suas gatas. Em outra ocasião, a falta foi devida à retaliação de Sabrina frente a um castigo dado por sua mãe. Houve momentos de esquecimentos e defeitos no vale-transporte, e aqueles em que a ausência de comunicação fez com que uma viesse e ficasse, durante o tempo de sessão, aguardando a chegada da outra. Entendemos que sustentar o enquadre era apresentar-lhes um limite estruturante, um outro construto frágil dentro daquele sistema, e assim, entendendo o sintoma como familiar, implicar as duas no processo, rejeitando as tentativas de delegação dos cuidados da filha, como era a ideia inicial de sua mãe.

Como efeito, Sabrina começou a se expressar e a se autorizar, ainda que timidamente, a falar daquilo que sentia falta em sua mãe, bem como daquilo que lhe causava raiva. Os defeitos ainda soavam como qualidades, pois a Elvira ainda lhe parecia idealizada, mas antes eram impensáveis e indizíveis. Esta, por sua vez, conseguiu admitir para a filha algumas das suas falhas enquanto mãe, embora negasse sentir qualquer culpa, e pôde falar do seu desejo de criá-la, apesar de suas limitações. As fugas cessaram, e com elas o uso de drogas e a maior parte do comportamento de risco, trazendo o mal-estar para dentro do corpo familiar: a casa.

Contudo, após tantas conquistas, Sabrina voltou a fugir de casa e a dupla acabou por abandonar o tratamento, cerca de um mês antes do final previsto para os atendimentos. Nesse tempo, no entanto, mantivemos contato e Elvira se mostrou, em diversas oportunidades, grata pelo trabalho realizado e tendo, na dupla de terapeutas, uma referência a quem poderia recorrer. Sabrina, por outro lado, embora tenha retornado à casa da família, não voltou a se comunicar com os terapeutas.

A configuração vincular, assim como na família de Ícaro, apresenta indícios da prevalência dos elos -L, -H e -K, o que parece sugerir um padrão adoeceador, diferindo os dois casos apenas quanto à presença ou não do duplo vínculo e ao momento em que ocorre a privação. Contudo, os casos analisados não foram apresentados para comprovar ou refutar a hipótese discutida neste trabalho, mas, apenas para ilustrar a discussão teórica aqui proposta. É importante que outros casos envolvendo quadros de tendência antissocial possam ser discutidos em pesquisas futuras que aprofundem o tema.

5. Considerações Finais

Pensando na relevância dos vínculos e da tendência antissocial para o campo da terapia de família, procurei, neste trabalho, explorá-los de um ponto de vista psicanalítico, sobretudo por meio das contribuições de Bion e Winnicott, bem como de seus “herdeiros”, Zimmerman e Armony. Acredito que a escolha desses autores permitiu, não apenas a definição e ampliação dos conceitos, mas um melhor entendimento sobre seus modos de funcionamentos e possibilidades de articulação.

O vínculo pôde ser pensado e dividido em seus componentes L, H e K, cada um com características e implicações específicas sobre os psiquismos unidos por eles. O duplo vínculo foi mencionado como estopim para o surgimento do sintoma antissocial no borderline, assim como a privação para os casos de neurose. O mecanismo impulsivo de Sabrina foi visto em contraste com o compulsivo de Ícaro, de modo a evidenciar as semelhanças e diferenças entre os dois casos, assim como suas possibilidades e desafios.

Nesse sentido, ilustrar a teoria com os casos clínicos proporcionou uma melhor visualização das diferentes formas de expressão do vínculo entre os membros das famílias, bem como do lugar ocupado e da função desempenhada pelo sintoma antissocial em cada uma delas. Indo além, foi possível notar as amarras vinculares entre gerações, a repetição de padrões transgeracionais, como as agressões e abandonos, do mesmo modo que a criação de novos sintomas como as fugas e o abuso de substâncias.

Ainda posso dizer que, devido à necessária passagem por tantas formulações teóricas relevantes e casos clínicos tão complexos, questionamentos com potencial para impulsionar novos trabalhos no campo da psicoterapia de família e casal puderam surgir. Como lidar, clinicamente, como o ataque ao vínculo na transferência? Como evitar o abandono do tratamento? Qual a extensão da influência dos padrões vinculares de gerações passadas, nas atuais? Como se dá a tendência antissocial na psicose e na perversão, e que formas vinculares seriam predominantes nessas estruturas? Esses são alguns dos exemplos. Paralelamente, foi possível admitir a plausibilidade da hipótese central, a de que haveria uma relação possível entre a qualidade vincular e a

tendência antissocial, assunto a ser desenvolvido em futuras pesquisas por meio da ampliação do número de famílias estudadas e da literatura pesquisada.

6. Referências bibliográficas

ARMONY, N. **O homem transicional: para além do neurótico & borderline**. São Paulo: Zagodoni, 2013.

BION, W. R. **Estudos psicanalíticos revisados**. Rio de Janeiro: Imago, 1994.

BOWLBY, J. **Cuidados maternos e saúde mental**. São Paulo: Martins Fontes, 2006

FREUD, S. (1905) **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade**. In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Vol X. Rio de Janeiro: Imago, 2006

_____. (1909) **Análise de uma fobia em um menino de cinco anos**. In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Vol X. Rio de Janeiro: Imago, 2006

_____. (1910) **Leonardo Da Vinci e uma lembrança de sua infância**. In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Vol XI. Rio de Janeiro: Imago, 2006

_____. (1910) **Um tipo especial da escolha objetal feita pelos homens (contribuições à Psicologia do amor I)**. In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Vol XI. Rio de Janeiro: Imago, 2006

_____. (1911) **Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia (Dementia Paranoides)**. In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Vol XII. Rio de Janeiro: Imago, 2006

_____. (1914) **Observações sobre o amor transferencial (novas recomendações sobre a técnica da psicanálise III)**. In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Vol XII. Rio de Janeiro: Imago, 2006

_____. (1914) **Sobre o narcisismo: uma introdução**. In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Vol XIV. Rio de Janeiro: Imago, 2006

_____. (1915) **Reflexões em tempos de guerra e morte**. In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Vol XIV. Rio de Janeiro: Imago, 2006

_____. (1920[1917]) **Além do princípio do prazer**. In: *Sigmund Freud; Obras completas*. Vol XIV. São Paulo: Companhia das Letras, 2010

_____. (1930[1929]) **Mal-estar na civilização**. In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Vol XXI. Rio de Janeiro: Imago, 2006

KLEIN, M. **Amor, culpa e reparação e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. **A psicanálise de crianças**. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

PICHON-RIVIÈRE, E. (1980) **Teoria do vínculo**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ROUSSILLON, R. **A destrutividade e as formas complexas da sobrevivência do objeto**. Exploration en psychanalyse. 2009. Disponível no endereço: <https://reneroussillon.com/en-espagnol-portugais-allemand/a-destrutividade-e-as-formas-complexas-da-sobrevivencia-do-objeto/>

VILHENA, J. ZAMORA, M. e NOVAES, J. **Violência e subjetivação: questões para uma clínica com populações de baixa renda**. In: Processos de subjetivação, clínica ampliada e sofrimento psíquico. WINOGRAD, M. e SOUZA, M (org.). Rio de Janeiro: Cia de Freud, 2012.

WATZLAWICK, P. BEAVIN, J. JACKSON, D. **Pragmática da comunicação humana**. São Paulo: Ed. Pensamento-Cultrix, 2007

WINNICOTT, D. **Privação e delinquência**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. **O ambiente e os processos de maturação**. Porto Alegre: Artmed, 1982.

ZIMMERMAN, D. **Fundamentos Psicanalíticos. Teoria, Técnica e Clínica: uma abordagem didática**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

_____. **Os quatro vínculos: na psicanálise e em nossas vidas**. Porto Alegre: Artmed, 2010.